

A questão da Expressão no processo de criação artístico na Estética de Hegel.

Paulo Roberto Monteiro de Araujo. Professor do Programa em Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo.

GT: HEGEL.

Palavras-chave: Hegel, Arte, Expressão, Espírito, Natureza.

Resumo: O texto versa sobre a questão da expressão estética em Hegel a partir da relação entre natureza e espírito; tendo como ponto básico a questão do desenvolvimento da subjetividade.

O objetivo da presente comunicação é examinar a questão da expressão no processo de criação artístico como realização do conceito de belo no Curso de Estética de Hegel. Deste modo, a nossa preocupação é apreender como a ideia de belo se corporifica na elaboração do objeto artístico em sua particularidade. Eis o motivo de o princípio de incorporação ser a chave para o amadurecimento conceitual de Arte. Hegel compreende o fato de toda coisa emanar da atividade do Espírito como auto-efetividade deste. Para Hegel, compreender a realidade é compreender a realização do próprio Espírito como concretização de si mesmo, isto é, da sua identidade. O mundo não é algo estranho para o sujeito, pois ele é o resultado da sua atividade como Espírito. Por isso, a forma mais elevada do pensamento é uma forma de conhecimento do sujeito. Chegar ao grau mais elevado do pensamento vai significar apreender a estrutura própria do conhecimento do sujeito em sua atividade artística. Hegel contribui para o desenvolvimento das concepções qualitativas da arte em suas expressões compreendidas como objetos sensíveis. Daí que para Hegel o Espírito na dimensão da Arte se encarna nas próprias coisas como atividade reflexiva expressa nos objetos. A Arte, então, supera a contradição entre matéria e forma, entre o sensível e o espírito.

Taylor comenta no seu livro intitulado **HEGEL**¹, que a bela síntese grega teve de morrer para que o homem se tornasse interiormente dividido de modo que pudesse desenvolver ao mesmo tempo a sua consciência de si e a sua própria determinação livre (**free self-determination**) enquanto elemento diferenciador. Taylor compreende que o homem moderno acabou enveredando em uma espécie de conflito com ele mesmo a

¹ TAYLOR, C. **Hegel**, p. 35.

partir do momento em que, desenvolvendo a sua racionalidade, deixou de lado a natureza e o sensível. O homem racional precisou abandonar a imediatidade sensível da natureza, que lhe conferia a identidade com o todo. O senso de perfeição do modelo de expressão grego, fundado na unidade do todo, não era mais suficiente para a realização da liberdade radical (**radical freedom**), que aparece como busca de uma identidade própria. Assim, com o surgimento da liberdade radical foi inevitável a perda da unidade entre o sensível e o inteligível, bem como a impossibilidade da sua retomada. No entanto, a irresistível nostalgia dessa síntese grega fora excessivamente mantida, como projeto, pela cultura ocidental como anseio de retorno a ela.

Não é por acaso que na estética hegeliana o trágico se apresenta não como absoluta separação entre o homem e os deuses, ou entre o finito e o infinito, parte e todo, mais como momento de antítese (negação) de algo único. O trágico faz parte do processo dialético da formação da determinação orgânica do Espírito. O trágico enquanto negação é o que possibilita o processo de purificação das relações entre os homens que convivem no interior de uma sociedade, ou no interior de uma relação familiar ou amorosa. Hegel será o pensador que dará sustentação teórica à elaboração de um pensamento expressivista, que busca unificar a oposição entre pensamento, razão e moralidade, de um lado, e desejo, sensibilidade, de outro. Desta forma, o que Hegel procura é a comunhão entre consciência de si com a natureza; isto é, a unidade entre a finita subjetividade e a infinita vida que brota através da natureza. Finalmente, o anseio de Hegel é tentar unificar a oposição entre uma consciência de si inteiramente livre e a vida em comunidade².

Hegel nos fala no seu texto da **Fenomenologia**, que o Espírito cura todas as feridas, fazendo com que elas desapareçam. Isto significa que todo conflito é absorvido organicamente pelo Espírito, em que desaparece qualquer forma de ressentimento. No entanto, essa posição de Hegel não significa ter uma postura teórica semelhante à do pensamento de Schelling, o qual compreende, por exemplo, a identidade do espírito com a natureza como algo indiferenciado e que, de modo indiferente, absorve estas duas diferenças conflitantes. Schelling via a relação entre natureza e razão a partir da identidade entre vida criativa na natureza e força criativa do pensamento através da

² TAYLOR, Charles. **Hegel**, p.36.

fórmula “a natureza é o espírito visível, o espírito a natureza invisível” (**die Natur ist der sichtbare Geist, der Geist die unsichtbare Natur**)³.

Para Hegel, a filosofia da natureza de Schelling corroborou para a incerteza do lugar da razão na síntese entre espírito e natureza a partir do momento em que a unidade entre subjetividade e natureza foi completada pela intuição⁴. A posição de Hegel é que, enquanto a natureza tende a realizar o espírito, isto é, a consciência de si (**self-consciousness**), o homem como ser consciente tende a se voltar para uma compreensão da natureza na qual ele não só a verá como espírito, mas também como seu próprio espírito.

Nós podemos ver assim a Arte como meio que possibilita a realização da expressividade das funções espirituais do homem. Deste modo, o pensamento é inseparável do seu meio, pois é o meio mesmo que lhe dá forma sob a forma de Arte. A teoria da Expressividade, ao contrário da tendência dualística da filosofia moderna, procura visualizar, em um sentido aristotélico⁵, a inseparabilidade entre o pensamento e o meio que dá forma para sua manifestação. Por outro lado, o meio é a própria necessidade do pensamento de se incorporar, isto é, de se manifestar como expressão. Tal necessidade revela-se como ponto central para a concepção do Espírito (**Geist**) de Hegel⁶. Para Hegel, não há um hiato entre vida e consciência como ocorre com as teorias dualistas. Existe uma continuidade entre essas duas instâncias que permite o surgimento de uma unidade funcional entre as coisas e o homem. Dentro da antropologia hegeliana⁷, o homem não pode ser considerado como um ser distinto por meio de funções separadas entre vitais e mentais, tendo em vista que elas já se encontram entrelaçadas em suas determinações. Por isso, o homem não pode ser compreendido como um ser de

³ Ibid., p. 44.

⁴ TAYLOR, C., op. cit., p.47.

⁵ Taylor cita o conceito aristotélico de matéria e forma (hylomorphism), que dá a noção dos seres vivos, em que o espírito é inseparável do corpo, no sentido de mostrar que a teoria expressivista possui uma semelhança com esta, a partir da inseparabilidade entre pensamento e meio. In: **Hegel and Modern Society**, p. 18.

⁶ Ibid., p. 18.

⁷ Bourgeois diz que “A antropologia plenamente especulativa de Hegel faz identificar a natureza em sua última afirmação, já espiritual, e o espírito em sua primeira afirmação, ainda natural, isto é, identificação natural e identificação espiritual da natureza e do espírito, assim reconhecidos realmente um e outro em toda sua potência; a antropologia hegeliana efetua em seu discurso totalizante a unificação racional do sensível e do racional, que a antropologia kantiana reprovava como ligação extrínseca de dois fatores exteriorizados, cada um relacionado a si mesmo em um discurso somente pragmático”. In: **L’Idéalisme Allemand – Alternatives et Progrès**, p. 33 e 34. Tradução nossa.

capacidade racional a que acresceria a um corpo instintivo⁸. Antes, o homem se mostra na unidade, como tendo uma visão de totalidade entre ele e as outras coisas vivas. No entanto, como sujeito, a sua consciência reflexiva faz com que as coisas não permaneçam inalteradas nessa visão. Assim, a visão de totalidade assegura não só a continuidade das coisas vivas, mas também a descontinuidade entre elas⁹.

Convivem ao mesmo tempo no pensamento de Hegel a identidade e a diferença em uma totalidade, cuja base é a atividade do Espírito Racional. É pela famosa fórmula hegeliana da identidade da identidade e da diferença, que se pode visualizar o homem, como uma inteiramente nova totalidade¹⁰. Isto significa que o homem precisa ser compreendido por meio de princípios diferentes, isto é, princípios que não definam a sua natureza de forma dicotômica entre razão e natureza, como ocorre no kantismo.

É na idéia de continuidade entre razão e natureza que ocorre a elaboração de uma espécie de hierarquia dos níveis do ser, em que as unidades ‘superiores’ são vistas como a realização de um patamar maior, o qual incorpora a imperfeição das unidades mais baixas¹¹. Segundo Taylor, “Hegel se mantém fiel a essa hierarquia do ser, que encontra o seu ápice na consciência subjetiva”¹². Cada patamar vai significar o desenvolvimento da concretização da subjetividade enquanto consciência reflexiva como elaboração de formas artísticas que se efetivam ao longo da história

⁸ Taylor diz que Hegel concorda com Herder, quando este explica que o homem não pode ser entendido como animal de racionalidade acrescentada. In: **Hegel and Modern Society**, p. 19.

⁹ Ibid., p.19.

¹⁰ Ibid., p.19.

¹¹ Ibid., p.19.

¹² Ibid., p.19.

BIBLIOGRAFIA

HEGEL, G.W.F. (1988). *Phänomenologie des Geistes*. Hamburgo: Felix Meiner editora.

_____. (1994). *A Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes editora.

_____. (1999). *Cursos de Estética I*. Tradução de Marco Aurélio Werle; revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva; consultoria Victor Knoll e Oliver Tolle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.(Clássicos; 14)

_____. (2000). *Cursos de Estética II*. Tradução de Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Clássicos; 18)

_____. (2004). *Cursos de Estética II*. Tradução de Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Clássicos; 24)

_____. (2002). *Cursos de Estética IV*. Tradução de Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Clássicos; 26)

SCHELLING, F.W.J. (2001). *Filosofia da Arte*. Tradução, introdução e notas Márcio Suzuki. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.(Clássicos; 23)

TAYLOR, Charles. (1997). *Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (1996). *Hegel and Modern Society*. Cambridge: Cambridge University Press.